

Visitação

MARIA ANTÓNIA CARREIRAS (*)

Xerazade me visita. A entrada, a sala de espera, o corredor, o meu gabinete, eu. Agora conta-me histórias, narrativas de si e do mundo. E assim se oferece à visita de mim.

Xerazade, que transporta consigo a melodia do poema «Visitação», de Ruth Fainlight:

*Uma onda crespa de espuma límpida e calada
como chapa de vidro que desliza entre
os seixos e nos molha os pés antes
de o notarmos e depois perde brilho e se dissipa*

*ou um suspiro de vento sob a porta
que levanta a ponta do tapete um só
momento e a deixa assentar como se
nada fosse embora tenha sido.¹*

Xerazade deseja encontrar, em mim, um colo grande, grande, onde se possa anichar e, mais tarde, talvez, largar, voando. Mas existem colos? Ou tudo o que existe são não-colos, receptáculos-superfícies brilhantes como estrelas mas distantes e frios e escorregadios como o gelo, sem as pregas dum colo de carne e osso?

Xerazade experimenta a minha consistência e a minha inconsistência. A minha presença e a minha ausência. Titubeante. Ela própria controlando a proximidade e a distância. Um dia parte, um dia regressa, outro dia que parte, outro dia que regressa.

Sentada na minha frente, desfia-me histórias infundáveis e arrasta-me através de percursos sinuosos onde não pode perder uma imagem, uma sequência, um enredo, colocando-me face à tarefa, por vezes desesperada, de encontrar um sentido. Assim me prende. Assim me cativa.

Construindo um discurso densamente visual, onde não falta o «suspense», o afecto, o insólito, procura, a todo o custo, que a minha atenção não se escape. Se os meus olhos a não olham, se a minha mímica não dança ao ritmo da emoção da sua voz, Xerazade me perde. E perdendo-me, se vai ela também, mergulhada no caos do contacto com o não-eu. Xerazade só pode conhecer os fios que ligam, da paixão, não os fios que separam, do ódio. Laços, laços palpáveis e contínuos.

*

O carro, a estrada, a velocidade. O espaço. A risca azul no horizonte. Persigo o odor dos figos maduros e enredo-me por entre o abraço dourado dos campos de amendoeiras. A casa, perto. Agora caminho pela terra castanha, solta e seca da Amieira. Uma nuvem de pó quente cerca-me os

(*) Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

¹ Ruth Fainlight, *Visitação*, Lisboa: Quetzal Editores.

pés. O silêncio do cantar das cigarras interrompido aqui e ali pelo latir do cão. Algumas sardinheiras, um pouco secas e desbotadas, brotam do chão. Percorro com o olhar as listras branco-amarelas desenhadas pelo sol na cal da parede. A casa. Abro a porta, que range. Os degraus da entrada, a sala, a outra sala... Uma penumbra tecida de silêncio e de pó. Naquele recanto, a cadeira de balouço da mãe. E com ela, ou a partir dela, um bafo de imagens que vão e vêm.

A mãe canta. Dá-me banho, embrulha-me na toalha, enxuga-me, brinca com os dedos dos meus pés. Aproxima a sua face, que é muito bela, do meu rosto e do meu peito. Os seus olhos brilham, brilham. Estico os braços e brinco com os seus cabelos lisos que caem em fitas douradas. Rio. Estou tão contente, tão contente...

Agora, escarranchada na anca larga da avó, atravesso o pátio. Sentamo-nos à sombra dormente do telheiro. A avó conta-me histórias. E a palavra, a sua palavra, é assim uma espécie de invenção que prolonga o seu corpo, o torna magma sem forma concreta limitada no espaço e no tempo. É. A palavra é uma invenção para abraçar e envolver o meu corpo com o seu ser. E para ligar o dia com a noite e a noite com o dia. E a vida com a morte e a morte com a vida.

O sol desdobra o chão em quadrados amarelos, ruídos no fundo da casa, vozes que se alteiam, a porta que bate, sim, está tépida a água na bacia branca, a avó vem, cheira a alfazema, o avô faz a roda rodar, tem as mãos imersas no líquido castanho do barro, que sobe e se torna fino, um pote, uma ânfora... Assim, assim fui crescendo... O fundo, o mar, a água. O fundo que me suporta, o fundo que sou e não sou eu distingo-me, diferencio-me? O fundo que se cruza com outro fundo linha contorno palavra história corpo consistência ah, e o fundo que fica sem forma desconhecido de mim de ti ignorado inacessível mas convulso.

A noite desceu. Apenas um círculo amarelo de luz projectada no chão. Tenho medo. Sou pequena e estou sentada na cama, olho em meu redor – o quê? – o meu olhar não se fixa em nada, o que eu procuro não está – a mãe? – tenho medo, tenho medo, não choro, apesar da vaga que sobe no meu peito quase estrangular não

choro o soluço fica ali prendendo o ar e então, então não sou capaz, o ar não entra, faço força, o ar não entra, tenho medo, a vaga não tomba, a cabeça uma confusão, abro mais os olhos, talvez, talvez veja melhor, talvez, talvez encontre não sei o quê tenho medo aflição o ar a vida não posso gritar estou só abro mais os olhos a cabeça esfarela-se bolhas de ar areias tenho tenho medo já não sei se tenho medo confusão névoa a vaga não salta estou esgotada e o meu corpo tomba.

Te perdi. Onde estás? É escuro, não sei de ti, não sei de mim. Te perdi. Tenho medo. Onde estás? Te foste. Ausente. E agora? Sem ti não sou, porque apenas sou uma parte, uma parcela, uma cobertura. Isso, uma cobertura. Sem ti, não existo. Apenas faço que sou, faço por ser. Não existo. Não sou. Onde onde estás se tenho se tenho tanto medo?...

Esta dor violenta e antiga e fulminante. Te apartas, te vais, te perco, perco a realidade calorosa e vibrante do encontro contigo, todas as palavras que recolhi e guardei na saia rodada do bibe se vão, se desfiam em letras soltas pelo chão estava estava esburacado o bibe? E agora, que é feito da palavra, da palavra significante e regeneradora letras só letras perdidas desconexas o fogo sagrado alimentado na lareira da casa se extinguiu a casa às escuras e fria.

Azul turquesa suspenso como o teu abraço o teu abraço fundo onde me desfazia sabendo-me sabendo-te serenidade de ti perenidade de mim o teu abraço azul turquesa suspenso neblina sem limites onde me perdía e encontrava porquê não sei não perguntes uma paixão violenta como o equinócio é isso uma paixão assim agora não sei de mim não sei que faça deste mim parido esvaçado sem dono e sem sentido. Âncora, pilar, serenidade, perenidade de ti de mim aqui jazo morta seca insatisfeita e instável o teu abraço meu abraço partiu num golpe de sol o rio tornou-se rio e o céu céu e agora a alegria misturou-se com a cal embrulhou-se em faixas e foi-se de mansinho com o sussurrar do vento nocturno. Não sei que me deu e parti e voltei e parti e voltei procurando-te não te achando e distraíndo-me numa azáfama portuária e corri mil páginas dedilhando letras e vi espuma e conchas e cometas ciganos praças na minha mão um pedaço de vidro faíscante não sei não sei caravana entediante

deserto mutilação pássaro que voa para onde voa o pássaro?

Estou cansada. Toda eu sou cinzenta, o cinzento e a tristeza se me pegaram. Estou cansada e quero ir, assim, fechar os olhos, tombar, quase sem dar por isso, como uma pena que cai, sem rumor nem dor. A morte.

Não custa nada a morte. Custa mais a vida. Os gestos quotidianos que a mantêm. A sobre-vivência, luta pela vivência. A morte. Baixinho. Sussurrada. Custa, custa menos a morte. Apenas um gesto. Um desleixo. Apenas «apenas».

Estilhaço a veia azul inchada. O sangue é vermelho e tinge em golfadas a carpete e pela casa um ruído soturno e viscoso lá longe o tambor expande um ritmo onde caibo inteira e sem peso porque o sangue não é verde e azul e transparente como o mar mas pesa e esmaga.

Silêncio. Um murmúrio dentro de mim. O que é? Não sei. Mim vai ganhando forma através das coisas do mundo. O fumar da água na chaleira, o conforto de uma torrada bem barrada com manteiga. Na parede, o quadro de flores, azul claro e rosa deslavado, emite um brilho especial. Ao lado, o tic-tac do relógio grande. Acho que é um relógio calmo, sem pressas, diz «isto é o tempo a passar», um passo para aqui outro para ali, o tempo passa, a luz do sol, que atravessa a cortina de cassa branca, desce sobre o soalho, depois vai com a noite, amanhã tudo se repete, um desenho luminoso e esguio na parede, que incha, incha, pela tarde água derramada pelo chão, eu estou aqui, sou o tempo, daqui para ali, dali para aqui, eu sou o tempo... Nem sei o que estou a contar, os meus olhos correm depressa sobre as coisas, o pensamento não pára, e eu querendo guardar tudo em mim, talvez para lá ficar ancorado mesmo com o passar monótono do pêndulo.

Estarei a falar, vai dizer-me, de ausência. Do que coloco na ausência. E de espaço. E de tempo. «Daqui para ali vai uma fórmula matemática.» Percorrer-encher a distância, a separação espacial (e física) dos corpos, a separação temporal (e mental)... Da ausência. E da raiva. E da paixão. Da paixão que nos une magicamente e da raiva que nos afasta inequivocamente. Porque dói. Porque dói muito. O segredo, o segredo da destruição qual é? «Onde estás?» «Quem está aí?» O carro de linhas que cai e se puxa e toma

de novo. O prazer de brincar com esses substitutos. Talvez esteja aí a inteligência, talvez. Mas, se calhar, uma inteligência que cresce só porque um tu me amparou e acolheu e esteve colado a mim. Bem perto. Tocando-me. Tu sendo eu e eu sendo tu. Tendo o teu aroma e a tua amenidade e a tua melodia. Estás aí. Me ofereces partes de ti. Estás aí. E agora te vais. E o meu corpo é percorrido pelos ventos gelidificantes do Ártico. Te vais. E eu aqui. Só e pequena, embrulhada pelo dentro do corpo, no fundo da sala. Estou só. E nada mais existe. Tudo o resto é mentira. Não, nunca, nunca mais quero estar contigo porque não estou ligada-colada, tu foges, me soltas a mão e o teu olhar percorre a fímbria luminosa do horizonte, contando uma a uma as árvores que aí se perfilam. Não. Nunca mais acredito em estares comigo.

Instauro a distância. Isto é, torno distante a distância que assim deixa de ser distância. Uma distância densa que oculta a distância. Porque não suporto que não sejas a continuidade de mim, o próprio mim, objecto de mim...

Mas um dia não sei como nem porquê talvez aqui consigo a vaga salta o soluço se liberta. E numa avalanche de lava surge o ódio. De dentro. Muito fundo. Feito de fogo ou gelo?... E ponta afiada e certa, num golpe seco e curto, firo, mato. Nada sinto, imobilizada nesse gesto e nesse jeito de matar, fazer doer. Odeio. Odeio. Não há liames, nem raízes, nem história. Uma diferença abissal. Corto, cavo, mato.

Tenho medo. Aqui estou sobre a cama, nua, branca, branca como um deserto de cal manchado pelo sangue e pela água que os meus movimentos desferiram em ti. Nasci? Morri? Morreste? Aqui me lançaste. Aqui me lancei, desejando saber do outro lado de ti. A mesma voz em suspiro cantado? O mesmo aroma morno a trigo verde? A mesma opacidade brumosa? Partiste? Morreste? Morri? Ou nasci?

E veio a aurora e com ela a alameda clara, ampla e fresca. Árvores soerguidas placidamente. Calma. Manhã de um verde intenso. O céu em camadas sucessivas. A lezíria, os campos estendendo-se. Passeio. Manhã. Manhã do dia que acontece.

E descobri e reconheci a minha voz que assoma e afirma sem medo gostar gostar de intimidade e de partilha e de cumplicidade cumplicidade feita de história de exclusividade fios enlaçados e partidos enlaçados encadeados entrançados afastados partidos tecidos separados enredados presos atados separados ligados memorizados houve o que houve e o que não houve o susto a água que sobe e encharca e toca a boca e entra o ar o ar que foge a vida que se vai medo susto aflição onde estou quem sou desfazer-me no mar e na água e na dor não ser e ser ser como?

Tchaikowski avança. Toleras toleras eu não saber falar? Sim, não sei falar não encontro palavras a palavra. Assim... ou de mim para mim? Não, não sei falar. Aqui o céu clareou num arrojado de azul e a gaiota irrompe em vôo planado. Lá em baixo a neblina ensurdece os contornos da vida. Sob a terra castanha e revolta a semente germina. Amanhã?...

Gosto gosto de aguarelas e de águas coloridas que se misturam e interpenetram num olhar num sorriso num espasmo num cuidar-te-cuidares-menas cambalhotas e no vogar de estrela em estrela nesse espaço celeste infindo que é o teu espaço interno onde me perco e encontro e sorrio e brinco e escondo espaço teu e meu em mim também danças e corres e descansas assim é não sei e um suspiro o teu (ou o meu?) me toca suspiro de ti de mim desta separação e distinção e finitude eu não sou tu nem tu és eu irremediavelmente solta e finita só não! A palavra que de mim sai e vai ali e agarra a tua palavra e arrasta uma corrente um barco uma história.

*

Xerazade entra. Xerazade senta-se. Xerazade se conta. Eu que escuto Xerazade e falo. Xerazade que me escuta. Xerazade que se conta.

Xerazade «espuma límpida e calada» que «desliza entre os seixos» e por eles corre, em gotículas coloridas, brincando.

Xerazade «suspiro de vento sob a porta que levanta a ponta do tapete», empurra o ar e persiste, pela sala, como aroma duradouro.

Xerazade que me levou a visitar...
... as trevas fusionais do eu-não-eu...
... as veredas potentes da diferenciação...
... os torvelinhos daquela língua primeva que já falávamos antes de nascer e que era um mergulho, uma dança, uma respiração...
... a arte convulsa e magnânime que recorta, nessa língua arcaica, com raiva, dor abdicação, gozo, a(s) palavra(s) e o(s) silêncio(s) que nos tornam seres comunicantes, particularmente comunicantes, simultaneamente comuns e únicos, simultaneamente ligados e sós.

Xerazade que vai e vem, urdindo uma teia com os seus passos e a sua voz...

De quem é de quem é tudo o que narrei meu, muito meu de Xerazade de um mim-Xerazade ou de quem me escuta?

Diz Herberto Helder:

*Ninguém sabe se as luas vistas pulsam da
pulsação
das águas, ou se as águas pulsam
pela força das luas
exaltadas. E o mundo, o espelho que as luas
acordam e de onde
transbordam as luas, sou eu que o contemplo,
é ele que me contempla,
ou trocamos-nos?²*

RESUMO

A partir de uma poesia de Ruth Fainlight, a autora evoca aspectos de uma psicoterapia com uma jovem mulher que apresenta dificuldades de separação-individualização.

Palavras-chave: Psicoterapia, separação-individualização.

ABSTRACT

Using a poem by Ruth Fainlight the author evokes some aspects of psychotherapy of a young woman with separation-individualization difficulties.

Key words: Psychotherapy, separation-individualization.

² Herberto Helder, *Poesia Toda*, Lisboa: Assírio & Alvim.